



**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR DO MÉDIO PARNAÍBA LTDA - SESMEP  
FACULDADE DO MÉDIO PARNAÍBA – FAMEP  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO COMENIUS – ISEC  
LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**PATRÍCIA FERREIRA DE SOUSA ALVES**

**ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA E PERCEÇÃO DOS ALUNOS  
DIANTE DO *BULLYING* EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS  
DE JOSÉ DE FREITAS-PI**

**TERESINA/ PI**

**2014**

PATRÍCIA FERREIRA DE SOUSA ALVES

**ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA E PERCEPÇÃO DOS ALUNOS  
DIANTE DO *BULLYING* EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE  
JOSÉ DE FREITAS-PI**

Monografia apresentada a Faculdade do Médio Parnaíba - FAMEP, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título da graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Comissão Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Josynaria Araújo Neves - Orientadora  
Faculdade do Médio Parnaíba - FAMEP

---

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Adriana Sousa Lima – Co-orientadora  
Faculdade do Médio Parnaíba - FAMEP

---

Prof<sup>a</sup>. Hellen Matilde Rodrigues Sá Silva  
Faculdade do Médio Parnaíba - FAMEP

---

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Ruty de Sousa Melo  
Faculdade do Médio Parnaíba - FAMEP

**TERESINA/ PI**

**2014**

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

Charles Chaplin

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho principalmente às pessoas que são vítimas desse tipo de agressão.

Á minha família porque sempre esteve me apoiando tanto financeiramente, quanto emocionalmente nos momentos que pensava não ser capaz de vencer algum obstáculo.

Á Deus por me suster espiritual e emocionalmente, e por me dar habilidade de fazer este trabalho, que pensei não conseguir fazê-lo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus por me ajudar a vencer obstáculo que surgem na minha vida, e por me guiar e abençoar.

Ao meu esposo, Eliécio Fernandes por me amar e apoiar-me.

Ao meu amado filho, Enzo Gabriel que é a principal razão dos meus esforços e quem me impulsionou a lutar pelos meus objetivos.

Aos meus familiares, pois eles são a minha base existencial.

Aos meus irmãos da igreja que sempre intercedem por mim junto a Deus.

À minha amiga e orientadora, Josynaria Araújo Neves por não me deixar desvanecer, nos momentos em que pensei que não iria conseguir.

À minha co-orientadora, Adriana de Sousa Lima que também tem sido maravilhosa.

Agradeço a todos os meus professores, que me ajudaram de alguma maneira.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram e torceram por mim.

**ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA E PERCEPÇÃO DOS ALUNOS  
DIANTE DO *BULLYING* EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS  
DE JOSÉ DE FREITAS-PI**

**RESUMO** - Muitos profissionais da educação apresentam dificuldade em perceber todas as formas de *Bullying* e a maioria não sabe tratar dos casos denunciados. Neste sentido, a presente pesquisa objetivou averiguar a percepção dos professores de Biologia em relação aos casos sutis de *Bullying* e pelos aspectos biológicos responsáveis por muitas das características, que são motivos de zombaria e desrespeito praticado pelos autores de *Bullying*. Os motivos de tanta preocupação se devem aos vários fatores relacionados à saúde física, psicológica, moral, social e educacional das vítimas. Nesta pesquisa realizou-se a aplicação de questionários com alunos do ensino fundamental e médio, e quatro professores de duas escolas públicas em perímetro urbano e rural da cidade de José de Freitas-PI. Constatou-se que, a maioria dos alunos já foram vítimas de “brincadeiras” e situações maldosas, nas suas diferentes formas. Quanto aos professores, constatou-se que metade dos profissionais pesquisados, apresenta dificuldades em perceber as muitas formas de *Bullying* e em tratar os casos denunciados, a outra metade procura resolver dialogando com os envolvidos. A prevalência e consequência dependem de alguns requisitos: como a aceitação das vítimas e a continuação dos atos. Entretanto, algumas medidas de conscientização dentro do ambiente familiar e na escola, podem diminuir drasticamente as ações dos autores de *Bullying*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atos de *Bullying*. Professor Atuante. Intervenção.

**ACTING TEACHER OF BIOLOGY AND PERCEPTION OF STUDENTS BEFORE  
THE BULLYING IN TWO PUBLIC SCHOOLS  
JOSEPH DE FREITAS -PI**

**ABSTRACT** - Many education professionals have difficulty understanding all forms of *Bullying* and most do not know how to treat the cases reported. In this sense, the present study aimed at investigating the perception of biology teachers in relation to subtle cases of bullying and the biological aspects responsible for many of the features that are cause for ridicule and disrespect the authors of *Bullying*. The grounds for such concern are due to various factors related to too moral, social and educational victims of physical and psychological health. This research was conducted at the questionnaires with students from elementary and middle school and four teachers from two public schools in urban and rural boundaries of the town of Joseph de Freitas -PI. It was found that most students have been victims of "jokes" and evil situations, in its different forms. As for teachers, it was found that half of the professionals surveyed have difficulties in realizing the many forms of bullying and treating the cases reported, the other half tackles with dialogues with stakeholders. The prevalence and consequences depend on a few requirements: the acceptance and continuation of the victims of the acts. However, some measures of awareness within the family and school environment can dramatically decrease the actions of bullies.

**KEYWORDS:** Acts of *Bullying*. Acting teacher. Intervention.

## **LISTA DE SIGLAS**

**ABRAPIA** - Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes

**CDF** - Crânio de Ferro

**ECA** - Estatuto da Criança e Adolescente

**LDB** - Lei de Diretrizes e Base da Educação

**PCNs** - Parâmetros Curriculares Nacionais

**UNESCO** - Órgão das Nações Unidas para a Educação a Ciência e Cultura



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>13</b>
2.1 Origem e Contexto Histórico do <i>Bullying</i> .....	13
2.2 Formas de <i>Bullying</i> .....	16
2.3 Consequências do <i>Bullying</i> .....	18
2.4 Como Surgem e Agem os Autores de <i>Bullying</i> ?.....	19
2.5 Como Surgem e são os Alvos de <i>Bullying</i> ?.....	20
2.6 Aspectos Psicológicos e o Papel do Professor na Atuação Contra o <i>Bullying</i> .....	22
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
3.1 Instituições analisadas e sujeitos da pesquisa.....	27
3.2 Análise dos Dados.....	27
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>5 CONCLUSÕES.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICES – Questionário aplicados aos Alunos e aos Professores de Biologia.</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Por definição, o *Bullying* trata-se de uma ocorrência entre pares numa relação interpessoal, o que não há razão para caracterizar condutas de danos a propriedades ou abusos na relação entre o alunos/adultos, uma vez que esta situação não é entre pares. (FANTE, 2005).

Anteriormente o *Bullying* era visto como brincadeiras da idade, mas há pouco tempo foi reconhecido como algo danoso. E são sérios os problemas inerentes às ações do *Bullying*, atingindo a saúde física e psicológica. (LOPES, 2005).

A violência é universal e por ser um problema complexo, apresenta-se como algo de difícil solução, acredita-se que a violência surja de diferentes fatores. Muitos pesquisadores discutem sobre as prováveis causas dos problemas. Entre eles destacam-se a desestrutura familiar, socioeconômicos, culturais e particulares. Essa situação vivida na sociedade se reflete em atitudes de desrespeito, intolerância e preconceito em vários ambientes. (ANTUNES, 2008; FANTE, 2005; LOPES, 2005).

Os alvos, geralmente, possuem baixa autoestima e aparência indefesa, e por serem mais sensíveis sofrem grandes transtornos, que também afeta a vida acadêmica e social do indivíduo, em raros casos podem levar as vítimas a cometerem suicídio ou ações vingativas podendo chegar a tragédias. (ALBINO, 2012; DE MENEZES; CASTELO BRANCO, 2009; LISBOA, 2009; LOPES, 2005; OLIVEIRA; ANTÔNIO; 2006; ROCHA, 2013; RAMOS, 2008).

Segundo Lisboa e Braga (2009), o *Bullying* possui características bem distintas das que são vistas frequentemente, sendo um fenômeno pelo qual uma criança e/ou um adolescente é sistematicamente exposto a um conjunto de atos agressivos (diretos ou indiretos), que ocorrem sem motivação aparente, mas de forma intencional, protagonizados por um (a) ou mais agressor (es).

O que basicamente distingue esse processo de outras formas de agressão é o caráter repetitivo, sistemático e a intencionalidade de causar dano ou prejudicar alguém. (LISBOA; BRAGA, 2009). Que são normalmente insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, tomar pertences, meter medo, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam

a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais. (FANTE, 2005, p. 29).

No Brasil, o *Bullying* passou a ser conhecido e estudado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), onde se desenvolveu um projeto em 11 escolas na cidade do Rio de Janeiro, cujo objetivo era conscientizar e prevenir a ocorrência de *Bullying* nas escolas. Professores e alunos participaram do projeto que obteve resultados positivos. (RIBEIRO, 2007, p. 9).

Para Ribeiro (2007), há uma questão que merece ser observada, os pais não conseguem educar seus filhos emocionalmente, e tampouco, sentem-se habilitados a resolver conflitos de várias ordens e contextos, por meio de diálogos e da negociação de regras, optando pelo sim ou pelo não. Não oferecendo um referencial em que seus filhos possam se espelhar, terceirizando sua parte na educação e sobrecarregado às escolas.

No Brasil, estudos realizados pelo Órgão das Nações Unidas para a Educação a Ciência e Cultura (UNESCO) em 2002, constatou que a violência aumentou consideravelmente nas escolas, públicas e privadas. Neste sentido, o *Bullying* não tem relação só com pobreza ou cultura. A violência nas escolas deixa os alunos inseguros como se estivessem em constante situação de risco. [...] Como ressalta a Associação Brasileira de Proteção a Infância e a Adolescência (ABRAPIA). (CAMPOS, 2010; LOPES, 2005; SANTOS; BARROS, 2009).

Da Silva (2006), ressalta o caráter temporal do *Bullying*, afirma que ele tem continuidade no tempo e não acontece de forma esporádica. As vítimas estão marcadas, visadas e vigiadas pelos agressores, os quais, quando agredem, sabem exatamente o que estão fazendo e como farão.

Observa-se uma nova modalidade de *Bullying*, o *cyberbullying* que se apresenta mais perigoso, por ter uma dimensão muito superior de constrangimento, “antes o interior de uma escola agora, o mundo”. Nas escolas, resulta evasão escolar, baixo rendimento escolar, depressão, suicídio e também é comprovado casos de genocídios. Sendo que ambas as formas são devastadoras para vítimas, e

esses abusos implicam na formação da identidade, por ser intrinsecamente social. (SANTOS; BARROS, 2009; SANTOMAURO, 2010).

Considerando que as escolas veem presenciando situações de violência, as quais estão tomando proporções assustadoras em nossa sociedade, e também o fato de que o *Bullying* ganhou destaque no meio acadêmico. (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009).

Segundo Lopes, a violência é maior entre os jovens entre 10 a 21 anos, estes aparecem nas estatísticas como os que mais se envolvem em homicídios. Amparada por esta conclusão, as escolas que fazem parte desta pesquisa, conta com os jovens com idades em que a violência está inserida, e houve grande necessidade de entender o que um professor de área de ciências biológicas pode fazer por esses jovens que estão sendo vítimas de *Bullying*. Pensando na dificuldade do professor, de compreender os atos de *Bullying* que assemelham a brincadeiras entre estudantes, é que se procura entender as principais dificuldades de um professor dentro da sala de aula.

Ressalta-se que professor que não conheça melhor os alunos, poderá se confundir muitas vezes preocupado apenas em passar seu conteúdo, pouco se atém para o que ocorre a sua frente. Isso não é estranho devido o professor se sobrecarregar com muitas turmas que algumas vezes terminam o ano letivo sem saber o nome de todos os alunos.

A percepção do professor de várias áreas de conhecimento pode ser determinante no fator interferência e através da interdisciplinaridade pode ajudar o professor de Biologia a entrar num conceito filosófico e sociológico que explique melhor a genética, e sobre a possibilidade de qualquer um poder ter filhos ou de repente, passar a ter algo que os diferencie dos demais.

Com base nisso, o objetivo deste trabalho consiste em observar o que as características *Bullying* e suas consequências em duas escolas do município de José de Freias, bem como verificar nas ações dos professores observados na prevenção e combate do *Bullying* na sala de aula, além da percepção dos alunos sobre a temática.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Origem e Contexto Histórico do *Bullying*

A origem inglesa da palavra *Bullying*, que não tem uma tradução específica para o português, mas seu significado está ligado ao uso, por uma pessoa ou grupo de pessoas, de superioridade física ou intelectual para intimidar alguém de maneira repetitiva, tem como raiz o termo *bull*, que significa 'touro', ou ainda, 'valentão'. (ARAÚJO, 2011; RAMOS, 2008).

A adoção universal do termo *Bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online *School Bullying and Violence*, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra *Bullying* dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Brasil, Alemanha, França, Espanha, Portugal e entre outros. (LOPES, 2005, p. 2).

Estudos sobre o *Bullying* se iniciaram com pesquisas do professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen, na Noruega entre os anos de 1978 a 1993 e, com a campanha nacional *antibullying* nas escolas norueguesas. (RIBEIRO, 2007, p. 12).

No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três garotos entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de *Bullying*, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema. (RIBEIRO, 2007, p. 12).

Frick apud Avilés (2006), indicam que o *Bullying* é um fenômeno com múltiplas causas e variáveis como:

a) Culturais: meios de comunicação social e modelos que reproduzem e estimulam a violência; uso da força; ideais de determinados grupos identificados ou

constituídos por comportamentos violentos ou destrutivos, como, por exemplo, os neonazistas; cultura das armas;

b) Sociais: violência estrutural; valores socialmente aceitos; crenças e costumes sociais face ao *Bullying* - naturalização; machismo e exaltação da masculinidade; exclusão social de determinados grupos por preconceitos/estereótipos sociais;

c) Familiares: estilos educativos autoritários, permissivos ou negligentes; atitudes coercitivas e violentas; qualidade nas relações - existência de muitos conflitos, pouca ou escassa comunicação e afeto ou excesso de controle e exigências; condições socioculturais da família; vínculos de apego estabelecidos; a tolerância da violência;

d) Escolares: metodologias não cooperativas: atitudes disciplinares autoritárias, punitivas e inconsistentes; falta de normas estabelecidas de forma democrática; pouca comunicação; clima de sala de aula perturbador ou caótico; falta de respeito e confiança nas relações entre professores e alunos; ausência ou não de programas *antibullying*; presença de adultos acompanhando os recreios;

e) Grupais: popularidade dos grupos; busca por status/ posição/ reconhecimento no grupo; sentimento de pertença; dinâmicas grupais - proteção, aumento da força; desejo de infringir normas; formação de grupos e exclusão de outros;

f) Pessoais: temperamento; aprendizagem de condutas submissas ou violentas; experiências prévias de maus-tratos; falta de autocontrole; incapacidade social - dificuldade de relacionar-se; traços físicos - cor da pele, etnia, características físicas, as crianças com necessidades especiais que são fortes alvos de *Bullying*; ou a orientação sexual. (FRICK, 2013, p. 4).

Em primeira síntese, deve-se entender a classificação de *Bullying* e o que não se designa como tal, para haver de fato, uma efetividade quanto há solução dos abusos, pois apesar de o *Bullying* ser uma agressão, nem toda a agressão é classificado como *Bullying*. Para ser dada como *Bullying*, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características. São elas: intenção do autor em ferir o alvo, repetição da agressão, presença de público espectador e concordância do alvo com

relação à ofensa. Para que seja considerada *Bullying*, a agressão deve ocorrer entre pares. (ROCHA; COSTA, 2013, p.193).

O *Bullying* é descrito pela intencionalidade, não se enquadrando numa situação corriqueira entre amigos e em atos de violência e vandalismo advindos de outros fatores, o objetivo do autor é: denegrir a integridade física e psicológica, inferiorizando o indivíduo com ações e palavras carregadas de desprezo, que sem dúvida provoca uma situação de tensão e constrangimento para as vítimas que precisam ser respeitadas exatamente como são. (BARROS, 2009; DA COSTA, 2011; DE SOUSA; SILVA, 2011; DE SOUSA, 2013; DE OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINE, 2013; DOS SANTOS, 2013; FANTE, 2005; LOPES, 2005; RAMOS, 2008).

Observa-se que há casos de crimes complexos advindos do *Bullying*, praticados por pessoas que não suportaram tamanha pressão psicológica, deixando de ser a vítima e tornando-se o agressor. Talvez o pior efeito da pressão sofrida, nos casos de *Bullying*, é a vítima se sentir condenada à 'inexistência', ou à 'invisibilidade', geralmente levado a cabo por grupo que combina entre si ignorar um colega, fazer de conta que ele não existe, desqualificando-o na sua competência intelectual, ou rejeitar um pedido seu, etc. Há casos em que a vítima aprende a conviver com a situação, tornando-se uma voluntária servil do dominador. (ROCHA; COSTA, 2013).

É pela ocorrência destes casos que a ABRAPIA, desenvolveu o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, objetivando investigar as características desses atos entre 5.500 alunos de quinta à oitava série do ensino fundamental e sistematizar estratégias de intervenção capazes de prevenir a sua ocorrência. (LOPES, 2005).

O alto índice de violência vem refletindo diretamente no meio escolar promovendo muitos equívocos quanto à definição do termo *Bullying* provocando inúmeras divergências entre os próprios estudiosos, sendo por esse motivo que o *Bullying* só pode ser empregado em ocorrências entre pares, no meio escolar ou virtual. (FANTE, 2005).

Apesar da preocupação quanto ao conceito, ou ao reconhecer as reais situações de *Bullying*, indivíduos e instituições vem atribuindo muitas das ações

agressivas entre os estudantes, como *Bullying*, quando na verdade, são atitudes de intolerância, discriminação e preconceito. (FANTE, 2005).

Por isso identificar uma situação de *Bullying* constitui-se numa tarefa difícil que requer a ajuda profissional, devido à sutileza de alguns abusos, num contexto subjetivo onde a vítima aceita como se levasse a situação na esportiva ou tranquilidade. (FANTE, 2005).

O *Bullying* ocorre geralmente contra um público passivo, onde o autor costuma ser estimulado pela falta de consciência sobre as graves consequências, enraizado pelo preconceito de sua bagagem histórica, cabendo ao educador, estabelecer limites para essas reações e buscar erradicá-las não pela imposição, mas por meio da conscientização e do esclarecimento. (FRANCISCO; LIMPÓRIO, 2009, ROCHA; COSTA, 2013).

A discriminação sobre os indivíduos diferentes já ocorre há muito tempo, em vários lugares e em diferentes situações. Na Europa medieval, pessoas que apresentavam deformidades físicas ou mentais eram consideradas obra divina ou diabólica, e algumas eram condenadas à morte. Na idade média, foram livres da condenação à morte, mas não da culpa por sua deformidade. (GOMES; REZENDE, 2011, p. 113).

No século XIX e grande parte do XX, foi promovida educação especial para as crianças deficientes, mas ainda eram pessoas não bem quistas pela sociedade. Nas décadas de 80 e 90 do século passado, passou a proporcionar uma educação inclusiva, em um único modelo educacional. Em convenções pelo direito dos deficientes, ganharam o direito de interação com as demais pessoas, comprovando que podem transpor barreiras físicas, intelectual ou sensorial tendo plenas possibilidades de desenvolvimento, e que só precisam ter seus direitos garantidos. (GOMES; REZENDE, 2011, p. 113).

## **2.2 Formas de *Bullying***

O *Bullying* se disfarça pela naturalidade juvenil e se apropria das brincadeiras. (SANTOS; BARROS, 2010). Entretanto, o que se sabe é que pode



magoar profundamente, e o autor dentro de uma relação desigual de poder. Assim, a violência é tida como uma relação, e como tal, não pode ser analisada fora do ambiente no qual ocorre, o contexto faz toda a diferença no resultado da ação, se o autor e a vítima tivessem qualquer cumplicidade o contexto seria outro e o *Bullying* não existiria, e tudo não passaria de diversão numa situação normal entre jovens sem o objetivo de agredir outro indivíduo. (DE SOUSA, 2013; SILVA, 2010).

O *Bullying* é um tipo de violência grave, que pode acontecer de forma direta e indireta. Segundo Silva (2010), o aumento do comportamento agressivo entre os adolescentes é um dos fenômenos que, atualmente, mais preocupa os setores sociais ligados a eles. Essa agressividade pode se manifestar das mais diversas formas: [...] desde pequenos conflitos verbais entre indivíduos e/ou grupos, até brigas físicas e violentas geradas pelas razões mais fúteis possíveis.

As agressões são descritas da seguinte forma: ofensas, xingamentos, apelidos, piadas ofensivas, consistem em *Bullying* verbal; bater, empurrar, beliscar, ou destruir pertences da vítima, atirar objetos contra as vítimas representam físico e material; ridicularizar, desprezar, discriminar, aterrorizar, passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivos, fofocas dentre outros, *Bullying* psicológico e moral; abusar, violentar, assediar, *Bullying* sexual; invadir perfis on-line, destruir a imagem da vítima por meio eletrônicos constitui-se *Bullying* virtual. (SOUSA; SILVA, 2011; ROCHA; COSTA, 2013).

As duas características dessa agressão são bem comuns, mas com o surgimento de novas tecnologias surge o *ciberbullying*, que é manifestado por meio de aparelhos e equipamentos de comunicação (celular e internet), capaz de acabar com a moral e a autoestima por calúnias, frases maldosas e maledicências. (DA SILVA; NEGREIROS, 2013, p.167).

Segundo Tognetta (2005, p. 2), tratar de *Bullying* é abrir uma oportunidade e considerar um fenômeno muitas vezes escondido, porque infelizmente, os casos de *Bullying* na maioria das escolas, não são tratados do ponto de vista psicológico e do ponto de vista da sua especificidade. No entanto, é preciso que primeiro olhe-se o fenômeno do ponto de vista de onde ele essencialmente nasce: na pessoa, ou seja, no que é privado e não público.

Não tratando de temas como a indisciplina ou a incivilidade, embora suas causas possam ser parecidas com aquelas que discutiremos, já que abordaremos algo que é particular entre as crianças, mas que toma um domínio público quando estampam as vistas a exposição e o descaso com o outro. Percebemos o quanto é importante à abertura da escola para refletir sobre essa questão, que depende indubitavelmente de um olhar muito mais aprofundado de quem educa. (TOGNETTA, 2005).

### **2.3 Consequências do *Bullying***

O *Bullying* gera consequências graves, principalmente na saúde devido ao estado emocional instável que fica a vítima com a constante perseguição, a tensão causada, cria uma expectativa de apreensão, gerando medo e sofrimento. (RIBEIRO, 2007).

Todas as formas de *Bullying* pode afetar a autoestima, atrapalhar o rendimento escolar, destruir os contatos sociais da vítima. As agressões podem resultar em um quadro de profundo estresse e desencadear sintomas psicossomáticos, desde os mais simples aos mais complexos, em casos menos frequentes quadros de Esquizofrenia, suicídios e homicídios. (CARDOSO; BOMFIM 2011, MANZINE; BRANCO, 2012).

A pessoa que teve uma experiência ruim na escola como o que sofre *Bullying* pode jamais, se sentir aceita pelas pessoas ao seu redor, prevalecendo o sentimento de rejeição contra si mesma e muitos sentimentos retróados. (FANTE, 2005, LOPES, 2005).

Apresenta-se devastador o efeito do *Bullying* ao indivíduo afetado. Este fenômeno vem arrastando vítimas em larga escala, fazendo-nos lembrar de um dos mais famosos casos a nível internacional, ocorrido em 1999, no qual dois adolescentes, de 17 e 18 anos, provocaram a tragédia de Columbine, Colorado, EUA, quando, com explosivos e armas de fogo, assassinaram doze companheiros, um professor e deixaram centenas de feridos, suicidando-se em seguida. (FANTE, 2005).

Em 2009, dois garotos de 11 anos, estudantes dos Estados de Massachusetts e Geórgia, também nos EUA, suicidaram-se por motivos relacionados ao *Bullying* em um intervalo aproximado de duas semanas. Importa notar que os Estados em questão possuíam leis *antibullying* e aplicavam programas de prevenção nas escolas envolvidas. (ALBINO; TERÊNCIO, 2012, p. 4).

Para não pensarmos que esse tipo de situação extremada acontece somente nos EUA e em países europeus, lembremos que, em 2003, um jovem de 18 anos invadiu a escola onde estudou na pequena cidade de Taiuva (São Paulo) e feriu a tiros seis estudantes, uma professora e o zelador para, em seguida, tirar a própria vida. Alunos da escola e familiares disseram à polícia que várias pessoas teriam humilhado o estudante – durante anos – com apelidos pejorativos pelo fato de ter sido obeso. (ALBINO, TERÊNCIO, 2012, p. 4).

Outra violência semelhante ocorreu na cidade de Remanso em 2004, no estado da Bahia, quando um adolescente de 17 anos matou a tiros duas pessoas, deixando outras três feridas. Após o fato, também tentou suicídio, mas foi impedido. Segundo relatos, o jovem era humilhado pelos colegas na escola e decidiu cometer os crimes após ter tomado um banho de lama dos colegas enquanto andava de bicicleta pelas ruas do município. (ALBINO; TERÊNCIO, 2012, p. 4).

## **2.4 Como Surgem e Agem os Autores de *Bullying*?**

Os *bullies*, aqueles que praticam o *Bullying* nas escolas, são muitas vezes provenientes de lares onde a agressividade é a tônica. Estes não possuem nenhuma estrutura que traga segurança emocional, financeira ou social a esses agressores, estes tem acesso excessivo a filmes, programas, 'games' e jogos de computador com conteúdo violento. (BALLONE, 2005; RAMOS, 2008).

Segundo Santos e Barros (2009), a maioria das vítimas tem entre 12 a 14 anos, e esta é uma fase de grandes conflitos principalmente familiares, nesta fase são extremamente rebeldes e arredios, gostam de impor suas vontades e nunca serem contrariadas, suas mentes vivem grandes mudanças estão descobrindo os sentimentos e sexo, facilmente podem se tornarem terroristas tanto dentro do lar

como na escola, outro fator são as drogas, que podem alterar drasticamente a mente e os valores adquiridos como: respeito e solidariedade.

Observa-se que ausência de disciplina, amor e cumplicidade, excesso de tolerância ou de permissividade são uma fórmula devastadora no comportamento do trato com o próximo, fatores que podem desencadear esse fenômeno em crianças com o perfil de possíveis autores de *Bullying*. (LOPES, 2005; SANTOS; BARROS, 2009).

Os autores de *Bullying* geralmente são intransigentes, desafiadores e desrespeitosos, estes cometem a maioria das ações nos momentos de descontração e socialização entre os jovens, como no intervalo e na hora da saída para casa. (MALTA et al., 2010).

Os meninos como autores de *Bullying*, possuem na maioria uma postura diferente, das meninas, estes costumam ser mais agressivos, e mais vistos nas situações. (CAMPOS; CARDOSO, 2010).

Eles querem se afirmar entre os colegas e não gostam de demonstrar sentimentos, sendo criado tradicionalmente para agir de forma insensível, esse tipo de comportamento atrapalha a existência de bons sentimentos e valorização do próximo, distanciando os indivíduos de uma natureza solidária e justa. Os meninos fazem o tipo valentão, tranquilo, imperturbável. (CAMPOS; CARDOSO, 2010).

A maioria das meninas que praticam *Bullying* geralmente, ao invés de ameaças de agressões físicas, elas espalham difamações, humilham, ridicularizam, usam as redes sociais, excluem dos grupos de estudos e outras atividades escolares e extraescolares, influenciam os outros a menospreza-la, situação que envolve desrespeito e preconceito. (CAMPOS; CARDOSO, 2010).

## **2.5 Como Surgem e são os Alvos de *Bullying*?**

Os alvos de *Bullying* podem surgir de uma situação de concordância da imagem que seus agressores fazem de si: “[...] as vítimas sentem-se diferentes pelas roupas que vestem, pelas maneiras como se relacionam, pelas diferenças físicas ou psicológicas, trejeitos e, principalmente por sentirem-se pouco seguros

com relação ao que nutrem por si mesmos, sendo passivo diante dos constrangimentos”. (FRICK, 2013).

Existem também os provocativos, que apresentam temperamento explosivo e revidam às provocações. (ZAINÉ, 2010). [...] Talvez por isso, nem todos os que são escolhidos como alvos permaneçam assim. Algumas pessoas conseguem sustentar sua diferença, não demonstrando medo ou ser afetado pelas humilhações dos autores de *Bullying* e, conseqüentemente, não permitindo que a intimidação perdure. (FRICK, 2013, p.5).

Os alvos/ autores são alunos que por hora sofrem de *Bullying* e por outra praticam, no intuito de reagirem e levantarem sua autoestima, assim se “vingam” dos atos que sofrem, exercendo poder sobre um grupo e humilhando outros. E as testemunhas representam a maioria dos alunos que não denunciam a violência devido ao temor de se tornarem os próximos alvos, ou por indiferença. (SANTOS; BARROS JUNIOR, 2011, p. 4).

Características físicas e comportamentais ou emocionais podem torná-lo mais vulnerável às ações dos autores e dificultar a sua aceitação pelo grupo. A vítima costuma ser excluída e se afasta de todos, por pensar que os mesmos, corroboram com autor de *Bullying* sentindo-se desprezado e preferindo instantaneamente o isolamento. (LOPES, 2005, p. 167).

A rejeição às diferenças é um fato descrito como de grande importância na ocorrência de *Bullying*, no entanto, é provável que os autores escolham e utilizem possíveis diferenças como motivação para as agressões, sem que elas sejam, efetivamente, as causas do assédio. (LOPES, 2005, 167). Ainda que estes indivíduos apresentem certas características que possam desencadear o *Bullying*, estes não possuem nenhuma culpa, mesmo que no seu íntimo pensem ser. (ANTUNES, 2008).

Em geral a vítima costuma ser tímida ou pouco sociável e não se enquadra com os demais da turma em aparência física ou comportamento, é insegura, fala pouco tem aparência frágil, sente grande desconforto quando é exposta, preferindo o anonimato, faltam com frequência, transformando a escola em um lugar repulsivo. (LOPES, 2005; SANTOS; BARROS, 2009).

## **2.6 Aspectos Psicológicos e o Papel do Professor na Atuação Contra o *Bullying***

A percepção da diminuição de segurança na escola, por todos os envolvidos nas situações de *Bullying*, podem gerar nos alunos o movimento de se autoprotegerem, em detrimento de buscarem auxílio nos funcionários e professores para defendê-los das ameaças existentes. (BRADSHAW; SAWYER; O'BRENNAN, 2009). Os professores de Biologia estão preparados?

A importância da figura do professor diante da problemática ratifica-se uma vez que seu comportamento influencia os acontecimentos. Os alunos aguardam sua intervenção nas agressões ocorridas na classe, o que nem sempre acontece, seja porque alguns atos de *Bullying* presentes nas interações, dentro da sala de aula, escapam à percepção dos professores, principalmente os mais sutis, seja porque, mesmo percebendo, estes decidem não tomar as providências necessárias. (SZYMANSKY et al., 2008).

As discussões em torno da importância de o professor saber mais sobre *Bullying* para intervir em situações de ocorrência do fenômeno também estão presentes no debate acadêmico, porém não há consenso entre os autores a esse respeito, tanto que alguns defendem a ideia de que não é necessário o professor saber especificamente o conceito de *Bullying* para lidar com ele na sala de aula. No entanto, noções de respeito mútuo, solidariedade é algo que todos podem exigir dos seus alunos. (DA SILVA; ROSA, 2013 Apud SANTOS 2007).

Existem várias pesquisas realizadas por autores (ABRÁPIA, 2002; AHTOLA et. al., 2012; JANOSZ et al., 2008) indicam que presenciar atos de *Bullying* afeta o desempenho escolar por gerar estresse emocional, indisciplina e dificuldades de concentração, afetando negativamente e que, a longo prazo, esses efeitos podem ser tão prejudiciais quanto o dano causado por experiências concretas vivenciadas. (MRUG; WINDLE, 2009; WYNNE; JOO, 2011).

Segundo Roth, Kanat-Maymon e Bibi (2011), a não intervenção ou emissão de respostas inadequadas dos professores tende a ampliar os efeitos nocivos das agressões sobre os sujeitos.

Segundo Ribeiro. (2007, p. 45):

Ter consciência de que o papel do professor é de extrema importância para obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de respeitar o colega, de dialogar ao invés de ofender e brigar é fundamental ao educador e futuro educador.

Paulo Freire (1996, p. 45) quando afirma que:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação.

Segundo Tognetta (2005) o grande problema infelizmente, é que os casos de *Bullying* na maioria das escolas, não são tratados do ponto de vista psicológico e com devida importância que sua especificidade merece; eles são tratados como indisciplina, incivilidade, como a quebra de uma norma ou regra própria da escola. E apesar da escola impor suas regras para o bom funcionamento da mesma. Também é válida que as crianças e adolescentes tenham valores morais e sociais.

Quanto aos casos de discriminação, preconceito e desrespeito em relação aos pares, precisam ser visto como um veneno entre estudantes. Não se devem tratar estes casos apenas como a incivilidade própria da idade ainda que suas causas possam ser semelhantes, o fato é que o descaso quanto ao buscar a solução do problema, reflete indiretamente nos problemas sociais. (TOGNETTA, 2005).

Ao que parece, alguns educadores tendem a pensar que a vítima deveria aprender por conta própria a lidar com os constrangimentos sofridos, como se fosse obrigação da mesma, superar os efeitos psicológicos causados pelo *Bullying* de qualquer natureza. Banalizando a situação da vítima. Mas essa postura acrítica ignora o profundo sofrimento subjetivo provocado às vítimas, que caracteriza verdadeira afronta à honra e à dignidade das mesmas, um verdadeiro assédio moral contra tais pessoas. (CAMPOS; CARDOSO, 2010, p. 121-122).

Dentro de uma sociedade, pais e professores são decisivos em muitos aspectos. Estão numa posição de influência como educadores e formadores de opinião dentro de uma comunidade, mas estes podem não estarem preparados para resolver os casos de *Bullying*. Autores de *Bullying* precisam ter bem definidos a

situação da obrigatoriedade de respeitar as diferenças e ter as devidas punições em caso de descumprimento das regras. (TOGNETTA, 2005).

Segundo Iça Vitima “A família sempre foi berço de valores superiores, disciplina, cidadania e ética” (TIBA Içami, 2005, p. 123) nela se encontra a primeira escola a que ensina basicamente os conceitos morais que farão parte de sua personalidade, a escola precisa dessa educação inicial para obter êxito no método de ensino e aprendizagem. (TOGNETTA, 2005).

[...] No século XXI vive-se uma crise de padrões comportamentais, em um mundo onde as referências que guiam os comportamentos individuais não são mais tão claras quanto no passado, educar tornou-se uma tarefa muito mais desafiadora que há algum tempo. A quebra do conceito de família formada por pai, mãe e filhos; a intervenção das mídias no processo educacional e a disseminação de uma cultura do consumo, do individualismo e da alta tecnologia; a importância crescente do papel do grupo de convivência para o desenvolvimento da personalidade dos jovens e toda a ruptura pós-moderna com os rígidos valores tradicionais tornam esse processo ainda mais complicado. Em um contexto tomado pelas incertezas e pela fluidez de valores é urgente à necessidade da criação de políticas educacionais que ensinem a criança e o jovem a conviver com as mídias e utilizá-las da melhor forma possível para o crescimento pessoal e intelectual. (CARDOSO; BOMFIM, 2011, p. 07).

O *Bullying* se apresenta como um componente particularmente prejudicial à prática docente, uma vez que envolve as relações em sala de aula e o cotidiano escolar em uma atmosfera de desrespeito, tensão e medo. Não obstante, como ressaltam os educadores tem despendido poucos esforços para o seu estudo sistemático, apesar de terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima. Até recentemente, poucas instituições de ensino reconheciam nessa forma de violência uma ameaça importante contra crianças, professores ou funcionários, sendo mais comum ignorar o comportamento e torcer para que acabasse as faltas às aulas, o baixo rendimento escolar, os problemas de concentração e de relacionamento social. (CAMPOS; CARDOSO, 2010, p. 115).

Para se combater ou prevenir o *Bullying* na sala de aula não é necessário o conhecimento do professor sobre o conceito de *Bullying*, obviamente que se o professor conhecer o que é o *Bullying* e suas consequências tudo será facilitado para se trabalhar a sua prevenção na sala de aula. O *Bullying*, em um contexto geral nada mais é do que uma forma de desrespeito ao próximo, de não aceitação das diferenças e cabe ao professor trabalhar esses conceitos com seus alunos e para isso não é necessário que o professor saiba o que é o *Bullying*. (DA SILVA, 2013, p.331).



Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam os professores a trabalharem os conteúdos de ética na sala de aula, o que deveria resultar na redução da prática do *Bullying*. (DA SILVA, 2013, p. 331).

É de conhecimento universal que nem todas as formas de *Bullying* são percebidas por não acontecer na presença de adultos, sendo necessário um esforço coletivo nas escolas, para medidas que promova conscientização, simples atitudes como palestras e um psicólogo presente, podem ajudar na prevenção de comportamentos terroristas contra um colega. Tudo que afeta os jovens, também afeta a sociedade como um todo. Em debates transmitidos pelos meios de comunicação de massa fica evidente a busca por combater o *Bullying*. (DA SILVA, 2013; RAMOS, 2008; TOGNETTA, 2005).

A escola tem importância fundamental para as crianças e adolescentes. Os relacionamentos interpessoais positivos dar a criança ou adolescente sensação de ser aceito e com isso fortalece a aceitação de si mesmo, aprimorando suas habilidades sociais e a capacidade de reação diante de situações desagradáveis. (LOPES, 2005, p. 165).

É importante se discutir sobre os fatores que implicam na personalidade dos adolescentes que podem perpetuar de forma agravante em muitas decisões, que envolve toda a sociedade, como seres sociáveis na formação da identidade pessoal. Ser aceito nos grupos sócias na fase inicial da vida, é à base de sua firmação como pessoa sendo isso de extrema importância em sua personalidade adulta. (FANTE, 2005).

A culpabilidade dos responsáveis pelos casos de violência e *Bullying* na escola não é fato isolado na prática pedagógica brasileira, refletindo a busca por soluções imediatas para os problemas que surgem no seu interior. Fante e Pedra (2008, p. 109), exploram o assunto do fracasso escolar quando dizem que “nossa atenção se volta às vítimas e nossa indignação aos agressores” e atentam para o fato de que, mais do que culpar ou vitimar os envolvidos, é imprescindível que aconteçam revisões dos planos pedagógicos ou do programa de paz nas escolas, envolvendo todos os autores escolares. (CAMPOS; CARDOSO, 2010; p. 121-122).

No país, inúmeros projetos de leis estão em discussão, em níveis municipais e estaduais e várias leis já estão em vigor. Em nível Federal, um projeto de lei já foi

aprovado pela Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado e pela Comissão de Educação, na Câmara dos Deputados em Brasília. (FANTE, 2005, p. 3).

A proposta de lei federal apresenta como diferencial das demais, que além das escolas, clubes de recreação sejam obrigados a adotar medidas de conscientização, prevenção, diagnósticas e combate ao *Bullying*. Apresenta também alterações no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). (FANTE, 2005, p. 3).

### **3 METODOLOGIA**

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas através da aplicação de questionários e observação *in locu* com discentes e docentes de duas escolas localizadas no município de José Freitas, no período de agosto a novembro de 2013.

#### **3.1 Instituições analisadas e sujeitos da pesquisa (aluno e professor)**

A seleção das duas escolas que participaram da pesquisa fundamentou-se em observar a influência da vinculação escolar nas ações de *Bullying*, e a percepção da área de Biologia e dos alunos em torno das ocorrências, visto que uma das escolas localiza-se na região periférica da cidade e a outra se localiza no centro da cidade atendendo alunos de diferentes bairros do município.

Foram entrevistados alunos matriculados no último ano do ensino fundamental (9º ano) na escola municipal e 1º e 2º ano do ensino médio (escola estadual) para o processo de aplicação de questionários. Quanto aos professores, utilizaram-se os pertencentes das duas escolas referentes ao ensino fundamental e médio que lecionavam a disciplina de Biologia.

#### **3.2 Análises dos Dados**

A pesquisa em seu sentido prático adotou como método de avaliação de resultados, relações de porcentagem. Participaram desta pesquisa 300 alunos, sendo 150 de cada escola e oito professores onde apenas quatro responderam ao questionário. Os resultados das questões foram contabilizados para o conhecimento da problemática de *Bullying* e a percepção do professor de Biologia na ocorrência de *Bullying* nas escolas em questão. Cada questão contida no questionário foi analisada e discutida, e transcritas sem nenhuma correção.

## 4 RESULTADO E DISCUSSÃO

### 4.1 Questionários dos Discentes

Na pesquisa não houve distinção entre a escola da região central da rural. Portanto, os dados sobre o questionário foram contabilizados como um todo. Quanto à faixa etária dos alunos entrevistados, observou-se que variou entre 14 a 21 anos, englobando adolescentes e adultos, apesar das diferenças em torno das formas de Bullying, o foco desta pesquisa é a averiguação do *Bullying* entre os indivíduos e a percepção do professor perante os abusos.

Observou-se que a escola localizada na zona urbana, que os alunos do ensino fundamental mostraram atitudes mais agressivas que os alunos do ensino médio, sendo, portanto mais discretos. A diferença é provocada pela idade, quanto mais jovem menos consciência e mais emoção.

Este fato é importante porque segundo Lopes (2005) antes da puberdade estes, tendem a adotar atitudes cada vez mais agressivas, culminando em graves ações na adolescência e na persistência da violência na fase adulta. Ainda segundo o mesmo autor, a preocupação sobre os jovens tem razão de existir, eles aparecem nas estatísticas como os que mais matam e mais morrem.

A maior parte dos entrevistados era do sexo feminino (52%), entretanto observa-se que a maior ocorrência de *bully* é entre meninos, pelo menos são os mais presenciados, a personalidade forte própria do sexo masculino tenha influencia nesta forma de agir. A presença feminina é maioria em quase todas as instituições, os motivos são vários, elas também são maioria no universo.

A escola é por excelência, um ambiente destinado à convivência com o outro, a pluralidade é a condição da ação humana, traduz a celebração de diferenças, a valorização da diversidade, da solidariedade é de grande importância para humanidade e a instituição, da paz entre os povos. (GARCIA; VECCHIATTI, 2013, p. 263).

Segundo Fante (2005) é na escola as principais ocorrências com maior intensidade na sala de aula. Entretanto, nesta pesquisa os docentes recusaram-se a

participar da pesquisa (alegando falta de tempo, outros não sabiam muito sobre o tema, outros, acreditavam não haver ocorrência naquela escola).

Os meninos são mais visto nas situações de *Bullying* por sua natureza agressiva e exibida, já nas meninas há mais dificuldade pelo mesmo fator, a natureza, expressam formas mais sutis de *Bullying* espalham-se difamações e ridicularizam. (LOPES, 2005; CAMPO; CARDOSO, 2010). Os abusos decorrentes e indiscriminados do *Bullying* tem haver com disparidades sociais, emocionais e físicas que transmite ao autor um sentimento de poder em relação a alguns colegas. (FONTE, 2005).

Quando questionados sobre quanto sabiam sobre *Bullying*:

- 51.7% dos entrevistados disseram saber pouco;
- 36.3% disse saber muito;
- 8.7% dos alunos disse saber nada;

Do total de alunos entrevistado que disseram já ter assistido palestra na escola:

- 11% informaram já ter assistido palestra sobre *Bullying* na sua escola;
- 28% nunca assistiram palestras em lugar algum;
- 61% alunos informaram ter assistido palestra sobre *Bullying* fora da escolar.

O fato de os alunos não terem mais informações sobre o tema, sobre os preconceitos e intolerância, raiz do problema pode ser a mais importante causa de o *Bullying* não ter solução fácil, a participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes, nestas ações devem priorizar a conscientização em torno de vítimas e autores de *Bullying*. As vítimas devem sentir-se protegidas, e os agressores alertados sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro. (LOPES, 2005).

Quando se questionou sobre: quem pode sofrer *Bullying*:

- 70% entrevistados disseram que qualquer um pode sofrer;

- 30% pensam que é preciso apresentar alguma diferença para ocorrer.

Às vezes o motivo é apenas o preconceito contra uma forma de ser ou de agir, isso gera confusão no momento da ação, fazendo com que alguém não entenda as causas reais de *Bullying*. Por definição, o *Bullying* é intencional e ocorre sem motivação evidente mostrando o profundo desrespeito adotado por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. (LOPES, 2005).

À pergunta, se considera o *Bullying* um crime. Responderam:

- 90.3% dos entrevistados consideram o *Bullying* um crime;
- 6.7% alunos não consideram *Bullying* um crime;
- 3.% não tem uma opinião formada.

Os pesquisados entendem que o *Bullying* seja algo errado, ainda que não tenham compreensão ou vejam a dimensão desse problema na vida da vítima. O *Bullying* constitui-se crime, principalmente porque vai de contra a dignidade humana. Conforme a legislação, o 24 Art. VII - Todos são iguais perante a lei e tem direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. “Todos tem direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação”. (CORREIO, 2013).

Nessa pesquisa, questionou-se sobre a necessidade de projetos *antibullying* dentro das escolas:

- 91% entrevistados afirmaram ser necessário;
- 9% consideram desnecessário.

Os alunos entrevistados talvez não tivessem conhecimento de projetos especificamente contra o *Bullying* e o motivo de considerarem necessário projeto que inibam as práticas é porque a maioria não concorda com as humilhações que presenciam, e os projetos *antibullying* é uma medida importante nas escolas para intervenção, mas não deverão ser tratadas de maneira uniforme, já que cada escola conta com o contexto de vida diferente dos seus alunos relacionados, características sociais, econômicas e culturais de sua população. (LOPES, 2005).

No Brasil, as relações estabelecidas na comunidade escolar no desenvolvimento das atividades pedagógicas estão permeadas de modo contundente ou sutil, por variadas formas de violência, reproduzindo a vida social extramuros escolar. A violência escolar tem suscitado investigações não apenas em razão da contradição que ela representa em relação à missão educativa da escola, mas também pelas consequências ao longo prazo, que dela podem decorrer. (MALTA et al., 2009).

Dos entrevistados nessa pesquisa:

- 74% alunos afirmaram que denunciariam casos de *Bullying*;
- 9.3% não faria nada;
- 16% alunos optarão pela mudança de escola.

Muitos dos entrevistados afirmaram que denunciariam os abusos, entretanto, quase 10% dos alunos que se calariam e quase 20% que mudariam de escola. A escola precisa estar apta para lidar contra os casos denunciados, a prevenção é a medida mais importante que a escola pode tomar dentro do âmbito escolar. Em escolas onde estudantes tiveram participação ativa nas decisões e organização observou-se redução dos níveis de vandalismo e de problemas disciplinares e maior satisfação de alunos e professores com a escola. (LOPES, 2005).

Nesta pesquisa:

- 62.3% admitiram já terem presenciado atos de *Bullying*;
- 14.3% disseram não reconhecer a ação;
- 15% não sabem afirmar sobre o que a situação vista;
- 8% negaram ter algo relacionada ao *Bullying*

Sobre a reação dos entrevistados, quanto ao testemunho do *Bullying*:

- 44.7% disseram que reagiram de alguma forma contra quem praticava o *Bullying*;
- 35.3% não reagiriam;

- 20% disseram que houve.

Dos entrevistados, muitos afirmaram ter presenciado e reagido contra a atitude do autor de *Bullying*. Apesar de muitos não reagiram essa atitude é compreensível, por temerem ser a próxima vítima. Segundo Lopes a forma como reagem ao *Bullying* permite classificá-los como auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão).

Os alunos questionados afirmaram presenciar as seguintes atitudes contra os colegas.

- 18.3% alunos já presenciaram xingamentos,
- 23.3% sofreram ameaças;
- 71% apelidos;
- 72.3% fofocas;
- 4.7% não houve.

Este resultado confirma as ações de *Bullying* nas escolas, e depende muito da aceitação do alvo para constitui-se de fato como *Bullying*. Segundo Garcia e Vecchiatti (2013) algumas ações que podem estar presentes: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, bater, empurrar, ferir, roubar e quebrar pertences, estes atos constitui-se em atos de violência contra a integridade moral de cada cidadão, e sua persistência contra o mesmo individuo, pode ser considerado *Bullying*.

A pesquisa revelou que:

- 71% alunos disseram já ter presenciado varias ações de *Bullying* na escola e outros;
- 29% alunos relataram que não houve.

No espaço escolar podem ocorrer diversas manifestações, como: violência física; a simbólica ou institucional e as micro violências, caracterizadas por atos de



incivilidade, humilhações, falta de respeito. Estes fenômenos combinam-se e se reforçam mutuamente. (MALTA, et al., 2009, p. 3070).

A pesquisa revelou:

- 47.7% disseram que a professora reagiu de várias formas;
- 24% alunos disseram que a professora não reagiu e outros;
- 28.3% relataram a ausência de ações de *Bullying*.

Assim, neste debate identificamos uma posição segundo a qual se deve dar prioridade à educação para os direitos humanos e uma segundo a qual os professores precisam ser capazes de identificar ocorrências que caracterizam o *Bullying* para que possam intervir de modo mais eficaz diante do problema. (DA SILVA; ROSA, 2013, p. 331).

Para as atitudes do (a) professor (a)

- 38.3% alunos entrevistados disseram que os professores chamaram apenas atenção do autor;
- 18.3% que houve advertência;
- 23.3% dos alunos informaram que o professor não fez nada;
- 6.7% outros relataram que o professor zombou junto com os alunos;
- 13.3% alunos disseram que não houve ação de *Bullying* na presença do professor.

As respostas mostraram que persiste o despreparo dos professores em lidar com os casos presenciados relacionados ao *Bullying*, para ter efetividade na diminuição das ações de *Bullying*, durante as aulas, no entanto a ajuda de um profissional da área de saúde psíquica poderia ajudar a focar melhor as medidas de conscientização. As escolas devem aperfeiçoar suas técnicas de intervenções e buscar a cooperação de outras instituições, como os centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social. (LOPES, 2005).

Os melhores resultados são obtidos por meio de intervenções precoces que envolvam pais, alunos e educadores. O diálogo, a criação de pactos de convivência, o apoio e o estabelecimento de elos de confiança e informação são instrumentos eficazes, não devendo ser admitidas, em hipótese alguma, ações violentas. (LOPES, 2005).

Dos alunos entrevistados:

- 75.7% disseram que já conheceu ou conhece alguém que sofreu e ou sofre *Bullying* no momento;

- 24.3% alunos responderam não conhecer;

Na seguinte pergunta: sobre a reação da vítima:

- 30% os alunos informaram que a vítima não fez nada;

- 7.3% disseram que elas foram embora;

- 15% alunos observaram que as vitimas de *Bullying* faltam com frequência;

- 15.3% que às vezes, estas choram;

- 28.3% se isolam;

- 19% disseram não saber;

- 24.3% disseram que não conheceu e nem conhece vítima de *Bullying*.

Os problemas vistos com mais frequência são o isolamento, alunos que vão embora ou mudam de escola de acordo com os próprios alunos entrevistados, essas atitudes nem sempre são interpretadas pelo professor, pela escola e ou pela família como sendo por motivos de *Bullying* e sim por desinteresse ou outros, é muito comum a vítima não se sentir a vontade para falar abertamente sobre o assunto. Segundo Lopes (2005) é uma das consequências, a vítima se considerar culpada das humilhações.

Sobre a pergunta, 'se é normal à vítima ir embora após as humilhações'.

- 83.3 disseram que os alunos que sofrem *Bullying*, mudam de escola;

- 9.7% disseram que não;
- 6.7% não sabem;

A constante discriminação e apatia das testemunhas pode leva a vítima a imaginar que não é aceita pelos demais o que pode colaborar nos resultados de suas ações negativas relacionadas à sua vida acadêmica, social e emocional. A empatia é uma resposta afetiva ao outro, na qual a pessoa se sente em seu lugar. Por diversas motivações (como eliminar o seu próprio sofrimento empático, adquirir reconhecimento social ou ficar feliz) a pessoa pode acabar ajudando aquele que percebe em sofrimento. (MANZINE, BRANCO, 2012, Apud, HOFFMAN, 2000)

A presente amostra contou com a afirmação de que:

- 75% podem ter vários transtornos para as vítimas de *Bullying*;
- 8% pensam que não haverá;
- 17.% não sabem que pode acontecer.

Muitos dos entrevistados acreditam que vários transtornos são provocados pelas ações do *Bullying*. A avaliação psiquiátrica e/ou psicológica pode ser necessária e deve ser garantida nos casos em que crianças ou adolescentes apresentem alterações de personalidade, intensa agressividade, distúrbios de conduta ou se mantenham, por longo período, na figura de alvo, autor ou alvo/ autor. (LOPES, 2005).

Quando se questionou se já havia sofrido atos de *Bullying*, um número de:

- 23% entrevistados da pesquisa disseram nunca terem sido maltratados na escola;
- 53.7% dos participantes apontaram ter sofrido ameaças;
- 23.3% não reconheceram a ação como sendo *Bullying*;

Apesar do número de estudantes que já sofreram ameaças, o *Bullying* pode não estar inserido no contexto já que este precisa de algumas características para ser dado como *Bullying*, principalmente a continuidade pela aceitação da vítima denotando indefesa por parte da mesma, mas é muito difícil saber por que o silêncio

às vezes só é rompido, quando os alvos sentem que serão ouvidos, respeitado e valorizado. Conscientizar as crianças e adolescentes que o *Bullying* é inaceitável e que não será tolerado permite o enfrentamento do problema com mais firmeza, transparência e liberdade. (LOPES, 2005 p. 169).

Entre os principais sentimentos, tidos pelas vítimas de *Bullying* nas escolas cujo se realizou esta pesquisa,

- 37.3% alunos relataram sentir tristeza;
- 9% apresentaram o desejo de não volta à escola;
- 12.3% desejam de vingança;
- 9% sentiram medo;
- 9.7% não se ofenderam;
- 11.7% levaram na esportiva;
- 25.3% disseram que não aconteceu;

A tristeza é o sentimento mais evidente e o mais comum entre as vítimas de *Bullying*, por afetar diretamente a autoestima, provocado pela desvalorização da sua pessoa, nisso o amor próprio fica seriamente abalado e até desmotivado em detrimento do menosprezo do outro. Evidentemente, as crianças e adolescentes não são acometidos de maneira uniforme, mas existe uma relação direta com a frequência, duração e severidade dos atos de *Bullying*. (LOPES, 2005).

Os autores de *Bullying* precisam ter bem definidos a situação da obrigatoriedade de respeitar as diferenças e ter as devidas punições caso descumpram essa regra. (TOGNETTA, 2005).

A necessidade de os adultos responsáveis por esses indivíduos, se prepararem para enfrentar com conhecimento e propriedade do assunto pode não ser de fato obrigado, mas poderá gerar maior confiança no momento de agir, podendo fazer toda a diferença. Muitos profissionais na área da gestão se negam a ver a ocorrência de *Bullying* na sua escola, deixando persistir a situação, enquanto que, admitir o problema é o primeiro passo e o mais importante para eliminar os focos.

Pois nesta pesquisa;

- 42.7% dos alunos disseram que os adultos não conseguem perceber todas as formas de *Bullying*;
- 33% pensam que sim, os adultos percebem as ações de *Bullying*;
- 24.3% alunos informaram que não sabem informar.

Identificar as principais vítimas e agressores é de suma importância para o fim dessa violência. (NEGREIROS; DA SILVA, 2013).

O *Bullying* difere da violência explícita que é facilmente identificável em algumas escolas, tais como pichações, atos de vandalismo ou agressões físicas, por se tratar de algo mais sutil. Podemos dizer que o fenômeno é tolerado pela comunidade escolar, e visto muitas vezes como 'normal' no relacionamento entre crianças e adolescentes. (RAMOS, 2008).

Dos entrevistados:

- 82.3% responderam que os adultos sabem como agir diante de atos e ações de *Bullying*;
- 14.3% dos alunos acham que não;
- 3.3% alunos não souberam opinar;

As vítimas, muitas vezes não querem deixar evidente aos outros, sua fragilidade e isso pode impedi-la de denunciar ou de enfrentar o(s) autor (es) do constrangimento de ter sua vida exposta, levando à vítima simplesmente não admitir seu sofrimento, por vergonha. O certo é que mesmo com aparente aceitação da vítima não se pode aceitar qualquer forma de desrespeito contra alguém, a sensação de impunidade favorece a perpetuação do comportamento abusivo. (LOPES, 2005).

Os alunos responderam sobre os prováveis motivos que levam uma pessoa a sofrer *Bullying*:

- 67.7% alunos afirmaram que por serem feios;
- 49.3% por serem gordos;

- 49% por serem homossexual;
- 44.7% por serem negros;
- 44.3% por se vestirem mal;
- 30.7% por serem pobres;
- 21.3% por serem evangélicos;
- 21.7% por serem “CDF”;
- 21% por serem tímidos;
- 11% por serem novatos;
- 4.3% alunos responderam que podem ser por outros motivos não listados;

A assustadora maioria das presentes escolas listou a aparência física como o principal motivo de zombarias, piadinhas, apelidos denotativos e outras formas semelhantes de *Bullying*. Isso demonstra que há um padrão aceitável de beleza já conceituado por alguns, as outras características terminam entrando por tabela neste contexto.

Algumas características físicas, comportamentais ou emocionais podem torná-lo mais vulnerável às ações dos autores e dificultar a sua aceitação pelo grupo. A rejeição às diferenças é um fato descrito como de grande importância na ocorrência de *Bullying*. No entanto, é provável que os autores escolham e utilizem possíveis diferenças como motivação para as agressões, sem que elas sejam, efetivamente, as causas do assédio. (LOPES, 2005).

Conforme observado nesta pesquisa, 44,7% relatam sobre atos de *Bullying* por serem negros. É fundamental frisar que as características de biótipo passadas de pai para filho, são explicadas pela genética em sala de aula, em especial pelo professor de Ciências.

A ciência comprovou a inexistência de raças biológicas. No entanto, as ciências sociais reconhecem que há as desigualdades sociais, baseado no fenótipo das pessoas, e por isso concordam com a existência do termo “raça” com uma construção que abrange essas diferenças e os significados a eles referidos. (BRASIL, 2006).

E que segundo Gomes (2005), além da escola existem grupos culturais, grupos juvenis, entidades do Movimento Negro, ONG'S e Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (Nas) que podem ser chamados para dialogar e trabalhar conjuntamente com as escolas e com as Secretarias de Educação na construção e implantação de práticas pedagógicas voltadas para a diversidade étnico-racial.

Sobre a pergunta, se já tinham zombado de alguém por qualquer motivo:

- 61.3% afirmaram que não tiveram essa atitude em momento algum;
- 38.7% responderam que sim por vários motivos;
- 19.7% disseram por diversão;
- 25% porque já tinham feito com ele;
- 42.7% disseram nunca ter feito;

Mesmo 61.3% tenham afirmado nunca ter zombado, entende-se que não haja total veracidade nesta afirmação, é comum nesta idade se zombar dos outros por motivos banais é da natureza o adolescente, querer se auto afirmar em detrimento do fracasso de outrem, 40% afirmaram já terem feito isso, não constituem que tenham praticado *Bullying* direto e dramático que se enfatiza neste trabalho, por ser muito vago, por causa das particularidades do *Bullying*, no entanto se chama atenção para esses dados, por serem deste tipo de situação, que surgem os casos de *Bullying*.

Dados da ABRAPIA 40,5% dos alunos admitiram estar diretamente envolvidos em atos de *Bullying*, sendo 16,9% como alvos, 12,7% como autores e 10,9% ora como alvos, ora como autores. (LOPES, 2005).

Dos alunos responderam que palestra nas escolas e punições para os casos frequentes de *Bullying*, que pelo que falaram a conscientização diminuiria muito os casos, aliados a punições.

Segundo Lopes (2005) é consenso que a violência pode ser evitada e seu impacto minimizado. Não se trata de uma questão de fé, mas de uma afirmação baseada em evidências. Exemplos bem sucedidos podem ser encontrados em todo o mundo, desde trabalhos individuais e comunitários em pequena escala, até políticas nacionais e iniciativas legislativas.

## 4.2 Questionários com Professores de Biologia

Aos docentes entrevistados e questionados sobre o conceito de *Bullying*. As respostas não diferenciaram muito.

Os professores A, B e C definiram como atos de violências físicas e psicológicas, uma forma pejorativa que evidencia uma característica ou uma fase em que indivíduo está passando, os atos são geralmente repetidos, causam dor e constrangimento. O professor D definiu como sendo um problema individual que tende afetar toda sociedade, como parte de um todo. Da Silva e Rosa (2013, p. 330), citam como características do *Bullying*, as agressões físicas, insultos, difamação, exclusão, isolamento, apelidos, humilhações e outros.

A apresentação dos Temas Transversal e Éticos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), pode ser utilizada pelos professores sobre atos e efeitos das ações do *Bullying* na sala de aula. Pois essas questões são importantes para prevenção, e por isso o professor deverá saber aplicar no cotidiano da sala de aula para que a escola seja um ambiente adequado à aprendizagem para todos os alunos.

Quando se questionou se já tinha acontecido uma situação de atos de *Bullying* dentro da sala, qual a atitude do docente? Você teve dúvida quanto a que seria, e não conseguiu interferir? As respostas mostraram que existem algumas divergências entre os docentes.

O professor A disse ter presenciado que um aluno, sendo motivo aparente, em situações diversas de Zombarias, por ser homossexual. Este professor ainda afirmou que o aluno provocava a rejeição por querer “chamar atenção” de forma demasiada dos meninos na sala. A mesma relatou não fazer nada por achar que este aluno causava a situação.

O professor B afirmou “ter visto apelidos, risos gozadores em relação ao outro e foi sincera em dizer que não soube definir o que poderia ser se era simples brincadeira ou *Bullying* devido a grande semelhança”.

As respostas dos professores C e D foram semelhantes, disseram que ao observar qualquer situação que evidenciam desrespeito ou humilhação contra o(s)



colega(s), conversam com toda a turma sobre as ações, deixando claro o seu repúdio e, o quanto é errado esses atos, posteriormente, conversam com os envolvidos, procurando saber depois sobre a persistência ou não da situação.

Reuniões de PCNs, com apresentação dos Temas Transversais e Ética, ajudam o professor em situações de caráter ético (BRASIL, 1998), as atitudes respeitadas devem partir do professor, pois estas atitudes serão vistas como modelo, principalmente pelas crianças menores. Além de a escola poder trabalhar o respeito mútuo nas suas traduções específicas do convívio escolar, em geral quando o docente tem conhecimento sobre um determinado tema, pode ter mais confiança no momento de trabalhar com os alunos, podendo usa-lo de forma interativa, levando o aluno a uma melhor compreensão sobre suas atitudes com seus semelhantes.

É importante frisar que antes de classificar um ato de violência como *Bullying* deve-se analisar o contexto da situação, levando-se em consideração as características individuais das pessoas envolvidas, bem como os contextos familiar e escolar, pois estes núcleos sociais influenciam o comportamento do indivíduo. (DA SILVA; ROSA, 2013, p.330).

Quanto à mudança de comportamento dos alunos, questionou-se ocorrência de faltas frequentes sem causa, notas baixas sem motivo aparente, isolamento constante, ausência de interação e participação nas atividades grupais. Diante do exposto, indagou-se o docente. O que você fez pelo aluno?

Professores A, disse que isso jamais aconteceu, por isso ele não fazer nada. Contrariando esta situação, o professor B confessou, não fez nada, por não saber como ajudar. Dados que evidenciam a necessidade de discussões mais profundas sobre o tema.

Os professores C e D apresentaram atitudes relevantes. O professor C buscou conversar com aluno após perceber tal situação. Já o professor D procurou envolvê-los em atividades propostas e, quando não consegue, solicita ajuda a coordenação e/ou ao diretor. Nas reuniões, conversa com a família desses alunos, quando estes aparecem, “o que é raro”.

Nesta pesquisa, pretende-se deixar clara a importância da atuação dos docentes, e de acordo com Ribeiro (2007) a importância do professor em conhecer

as consequências que o *Bullying*, pode trazer para as suas vítimas, para assim prevenir e combater este problema na sala de aula.

Aos docentes indagou-se o que pode acontecer a uma pessoa que sofre repetidas humilhações. Todos os professores entrevistados assemelharam-se na resposta. Estes listaram que o aluno poderá sentir profunda tristeza, se isolar se afastando de todos, não participar de nenhuma atividade escolar ficando desmotivado e depressivo, e muitas vezes podem desistir da escola, e ficar sem desejo de “viver”. As atitudes observadas nesta pesquisa, comprovam que esses atos são nocivos aos alunos, prejudiciais ao seu aprendizado e a sua permanência na escola.

A intimidação, juntamente com as ameaças, as humilhações, às agressões verbais, físicas, e atualmente virtuais, são formas frequentes de ocorrência do *Bullying* na escola. (NASCIMENTO; COLS, 2011, p. 7 apud DA SILVA; ROSA, 2013).

Sobre o que pode ser feito ou quais intervenções diante da ocorrência de *Bullying* nas escolas, principalmente na sala de aula. Os professores A e B responderam que quando não conseguem resolver, reportam a situação à coordenação, que poderá chamar os pais dos envolvidos em casos comprovados. Embora, os professores sejam orientados a trabalharem os conteúdos de ética na sala de aula, o que deveria resultar em sua redução. O *Bullying*, em um contexto geral, nada mais é que uma forma desrespeito e intolerância as diferenças. (DA SILVA; ROSA, 2013).

O professor C destaca que a ajuda de um psicólogo no ambiente escolar, poderia melhorar os envolvidos e até conscientizar os docentes e discentes, no geral. Para que o *Bullying* não aconteça no cotidiano pedagógico é necessário tanto a participação do professor quanto dos alunos. O professor de um lado, tem o dever de transmitir o papel ético, que envolve a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da solidariedade e os alunos, o papel de entender e cooperar com as ações do professor. (RIBEIRO, 2007).

O professor C informou que a realização palestras e a aplicação de punições dos autores poderiam resolver o *Bullying* dentro e fora da sala de aula. Acredita-se que para combater na sala de aula em algumas situações não são necessários

muitos conhecimentos sobre o *Bullying*. (DA SILVA; ROSA, 2013). Mas faz-se necessários certos embasamentos sobre o tema, para até mesmo reconhecê-lo.

Um dos aspectos biológicos como a hereditariedade tem muito haver com as características que são tantas vezes motivos de zombarias. Assim, perguntou-se sobre como um professor de Biologia pode ajudar na conscientização dos discentes.

Para o professor A, os fatores hereditários podem causar anomalias diversas, pelo fato de não depender apenas dos genótipos dos pais como também de fatores ambientais. No entanto, este docente não mostrou domínio ao relacionar este conteúdo ao tema em questão, *Bullying*.

Os demais professores apresentam alguns aspectos comuns. O professor B ressalta que em suas aulas procura encaixar o conteúdo, e explicar que características que muitas vezes são motivos de preconceito e todos podem ter. Já os professores C e D procuram conscientizar os alunos de forma a explicar que os aspectos genéticos, como características físicas e também psicológicas, devem ser aceitos e respeitados.

Nas escolas pesquisadas, observou-se que violência deixam os alunos em situação de riscos e constantes inseguranças, uma vez que adotam atitudes cada vez mais agressivas. Fator que desencadeou a seguinte pergunta ao docente. O porquê de na adolescência ser mais difícil superar os transtornos causados pelo o *Bullying*?

Professor A respondeu que: “porque cada um age de forma diferente, um desanima logo, aponto de tirar a própria vida”. O professor B seguiu um raciocínio semelhante ao A, relatou que “para evitar traumas, pois nem todos conseguem superar”.

Durante a fase de desenvolvimento da criança e do adolescente, o *Bullying* pode ocasionar interferências psicológicas mais graves, eis que o indivíduo está formando sua personalidade e sofre mais influências do meio externo. (CORREIO, 2013).

A resposta dos professores C e D destacam os sentimentos pessimistas e a baixa autoestima, serem responsável por muitos traumas e concordaram tudo que autor de *Bullying* insinua a seu respeito.

Deve haver a preocupação e observação se os direitos fundamentais estão estendidos às crianças e aos adolescentes, se estão sendo respeitados de maneira a manter a integridade psíquica e moral. A prática do *Bullying* não está em consonância com esse pressuposto constitucional, pois tem estreita relação com a violência no ambiente escolar. (CORREIO, 2013).

Quanto à relevância de um professor de área em saber reconhecer e entender a complexidade do *Bullying* nas relações sociais que acontece dentro e fora da sala de aula?

Houve uma complementação entre as respostas dos docentes. O professor A reporta a acuidade no aluno: “É importante para este poder ajudar o aluno vítima e para identificar outros casos envolvendo o *Bullying*”. O professor B focou o docente: “O professor que reconhece o *Bullying* pode evitar muitos problemas como: desistência, repetência e a depressão pela continuidade dos abusos”.

Já os professores C e D destacaram o ambiente escolar e cultural, respectivamente. Segundo o professor C: “para uma atuação mais efetiva contra essa prática no meio escolar”. Para o professor D: “mesmo o professor tentando evitar o *Bullying*, as práticas são muito difíceis de eliminar, por ser um problema cultural”.

Somos basicamente felizes, quando nos aceitamos como somos. Nosso autorretrato muitas vezes vem do retrato de terceiros, muitas vezes através das boas ou más relações sociais. Vivemos em sociedade e como tal, temos dificuldade em viver só. Assim perguntou-se aos docentes, por que alguns não conseguem superar sozinhos, os traumas causados pelo *Bullying*?

“Porque muitos dão importância demasiada ao que outros dizem” relatou o Professor A. O professor D também destacou que “alguns dão muito valor ao que os outros dizem ao seu respeito”.

O professor B aponta “a falta de diálogo e acompanhamento do dia a dia da família com os filhos, desenvolve uma pessoa frágil diante do *Bullying*”. Já o professor C disse que “a pessoa muitas vezes não se aceita fazendo *Bullying* consigo”.

## 5 CONCLUSÕES

Nas duas escolas públicas estudadas, tanto a rural quanto a urbana de José de Freitas, de fato comprovou a presença de *Bullying*, pelos discentes e docentes. Motivo pelo qual essas escolas não podem mais se manterem indiferentes quanto aos acontecimentos terroristas de alguns alunos contras as diferenças que lhes desagradam.

A partir dos relatos de *Bullying*, pode-se constatar que os docentes podem ser de grande ajuda nas medidas *antibullying*. Através dos questionários foi possível identificar atitudes coerentes de interferência, com relação ao *Bullying*. Entretanto, muitas vezes o professor ainda não se sente confiante na identificação do *Bullying*, sendo de fundamental importância a capacitação destes professores para trazer melhores resultados.

O professor foi a peça chave desse estudo sendo este fundamental tanto na prevenção quanto na contenção dentro da sala de aula, no entanto sabemos que a família e toda comunidade educativa poderia fazer muito mais como protagonista direto nas vidas das vítimas e autores.

Na presente pesquisa constatou-se a frequência de grande desrespeito entre os estudantes, ainda que se entenda que é pouco para se afirmar com propriedade estar acontecendo o *Bullying* com os alunos em questão, um estudo mais aprofundado poderia trazer melhores resultados quanto a quem estar sendo vítima de *Bullying* no momento.

## REFERÊNCIAS

AHTOLA, A et al. al. For children only? Effects of the KiVa antibullying program on teachers. **Teaching and Teacher Education**, v. 28, n. 6, p. 851-859, 2012.

ALBINO, P. L.; TERÊNCIO, M. G. Considerações críticas sobre o fenômeno do *Bullying*: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Eletrônica do CEAFF**. Porto Alegre - RS. Ministério Público do Estado do RS. v. 1, n. 2, fev./mai. 2012.

ANTUNES, D. C. et al. Do *Bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.

ARAÚJO, C. P. S.; SILVA, R. S. *Bullying* na escola: essa brincadeira não tem graça! "Educação e Contemporaneidade" ISSN 1982-3657, São Cristóvão-SE, 2011.

BALLONE G.J. *Bullying* in psiqweb internet disponível em [www.psiqwebmed.br](http://www.psiqwebmed.br). Acesso em: 05 abr. 2013.

BRADSHAW, C. P.; SAWYER, A. L.; O'BRENNAN, L. M. A social disorganization perspective on bullying-related attitudes and behavior: the influence of school context. **American Journal of Community Psychology**, v. 43, n. 1, p. 204-220, 2009.

BRASIL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL - Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, H. R.; CARDOSO, S. D. **Violência na escola: uma reflexão sobre o *Bullying* e a prática educativa**. Brasília, v.23, n. 83, 2010

CARDOSO, A.; BOMFIM, A. P. R. As mídias sociais e a globalização do *Bullying*, Salvador - 13 e 14 de outubro de 2011. 201. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 200-207.

CORREIO, A. F. A importância do direito como instrumento de combate *Bullying* escolar, **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, Santa Catarina, v. 8, n. 2, 2013.

DA COSTA, V. F. *Bullying* prática diabólica direito e educação. **Revista de Estudos Jurídicos UNESP**, v. 15, n. 21, 2011.

DA SILVA, E. N.; ROSA, E. C. de S. Professores sabem o que é *Bullying*? Um tema para a formação docente, **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, n. 2, jul./dez., p: 329-338, 2013.

DE OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; DA SILVA, E. H. B.; NEGREIROS, F. Marcas da escola: relatos de estudantes de pedagogia vítimas do *Bullying*. **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 4, n. 2, 2013.

DE SOUSA SANTOS, L. C. et al. A cultura *Bullying* na escola a partir do olhar das vítimas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 1, 2013.

DOS SANTOS, T. E. M.; JÚNIOR, F. de O. B. *Bullying* e adolescência: experiência em uma escola pública de Teresina-PI: **Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)**, v. 9, n. 1, p. 277-286, 2013.

DE SOUSA, J. M.; DA SILVA, J. P.; SANTOS, A. F. A prevalência de *Bullying* entre adolescentes escolares do ensino fundamental. **V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"** ISSN 1982-3657 São Cristóvão-SE/ Brasil 21 a 23 de setembro de 2011.

FANTE, C. Fenômeno *Bullying*: Como prevenir a violência nas escolas e educar para paz: 2.ed .Campinas, SP. Verus: ed. 2005.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C.. Um Estudo sobre *Bullying* entre Escolares do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 ( Coleção Leitura).

FRICK, L. T. Legislação contra o *Bullying*: uma busca para resolver o problema. XI EDUCERE, Grupo de Trabalho – Violências nas Escolas Agência Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, 2013.

GARCIA, E. M. ***Bullying* nas instituições de ensino superior**: n.18,2. ed. São Paulo: Editora Método, 2013.

GOMES, A. E. G.; REZENDE, L. K. Reflexões sobre *Bullying* na realidade brasileira utilizando a técnica de análise de conteúdo: revisão bibliográfica: São Paulo, v.11, n.1, p. 112-119, 2011.

JANOSZ, M. et al. Are there detrimental effects of witnessing school violence in early adolescence? **Journal of Adolescent Health**, v. 43, n.1, p. 600-608, 2008.

LISBOA, C.; BRAGA, L. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção, São Leopoldo RS, 2009.

LOPES Arames. J. *Bullying*: Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal Pediatra** (Rio J.) 2005; 81 (S. Supl.): S 160- S172.

MALTA, D. C. et al. *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2009. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 15, n. supl 2, 2010.

MANZINI, R. G. P.; BRANCO, A. U. O *Bullying* na perspectiva sociocultural construtivista. **Boletim de Psicologia**, v. 62, n. 137, p. 169-182, 2012.

DE MENEZES, J. A. F.; CASTELO BRANCO, M. F. F. **Estudo sobre o fenômeno *Bullying* e suas repercussões sócio educacionais**, 2009

MRUG, S.; WINDLE, M. Bidirectional influences of violence exposure and adjustment in early adolescence: externalizing behaviors and school connectedness. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 37, n. 5, p. 611-623.2009.

NEGREIROS, F.; DOS SANTOS, L. B. Leitura, currículo e universidade: uma caracterização do comportamento de leitura dos alunos de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí a partir de indicativos da prática curricular. **Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)**, v. 9, n. 1, p. 287-306, 2013.

OLIVIERA, A. S. de; ANTONIO, P. S. Possibilidades para a assistência de enfermagem sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno *bullying*: nesse contexto. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 08, n. 01, p. 30 – 41, 2006.



RAMOS, A. K. S. *Bullying*: A violência na escola. Educarept, online, 10/11/2008.

RIBEIRO, P. L. S. **O papel do professor diante do *Bullying* na sala de aula**: Bauru, 2007.

ROCHA, M. O. *Bullying* e o papel da sociedade: Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 1, n.16, p. 191-199, 2013.

ROTH, G., KANAT-MAYMON, Y., BIBI, U. Prevention of school bullying: the important role of autonomy-supportive teaching and internalization of pro-social values. **British Journal of Educational Psychology**, v.81,n. 3, p. 654-666, 2011.

SANTOMAURO, Beatriz. Cyberbullying: a violência virtual, Revista Nova Escola, RJ, v. 233, 2010. Edição 233 (/edicoes-impresas/233.shtml) | Junho/Julho 2010.

SOUSA Jackeline M. SILVA . P. a prevalência de *Bullying* entre adolescentes escolares do ensino fundamental: ISSN 1982-3657 “Educação e Contemporaneidade”, São Cristovão-SE, 2011.

SZYMANSKY, M. L. et al. O bullying no contexto escolar: a omissão da escola. Anais do VII Congresso Nacional de Educação da PUC-PR e III Congresso Ibero-Americano sobre violência nas escolas(pp. 4311-4322).2008.

TIBA, I. **Adolescentes: quem ama**: 31.ed. e/. educa.ln.edit.: São Paulo, 2005. p. 123.

TOGNETTA, L. R. P. A violência na escola: os sinais de *Bullying* e In: Pontes, Aldo; de Lima v,s,,: construindo saberes na educação. Porto Alegre: edit.Zouk. **Psicologia & Sociedade**; v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.

Wynne, S. L.; Joo, H. Predictors of school victimization: individual, familial, and school factors. **Crime & Delinquency**, v. 57, n.3,p. 458-488, 2011.

ZAINE, I.; REIS, M. J. D.; PANDOVANI, R. C. Comportamentos de *Bullying* e conflito com a lei:**Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 375-382, 2010.

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO A APLICADO AOS ALUNOS

1. Qual sua idade?

---

2. Qual seu sexo?

---

M ( ) F ( )

3. O que você sabe sobre *bullying*?

Nada ( ) Pouco ( ) Muito ( )

4. Você já assistiu alguma palestra sobre *bullying*, na sua escola?

Sim ( ) Não ( ) Em outro lugar ( )

5. Qualquer pessoa pode sofrer *bullying*?

Sim ( ) Não ( )

6. Você considera o *bullying* um crime?

Sim ( ) Não ( ) Não sei ( )

7. O que você acha do projeto *bullying* nas escolas?

Necessário ( ) Desnecessário ( ) Inútil ( )

8. Caso nunca tenha ocorrido *bullying* com você, como você agiria se acontecesse?

Denunciaria ( ) Não faria nada ( ) Mudaria de escola ( )

9. Você reconheceu a atitude como sendo *bullying*?

Sim reconheci ( ) Não reconheci ( ) Tenho dúvidas ( ) Não aconteceu ( )

10. Você já presenciou algum caso de *bullying* com alguém?

Sim ( ) Não ( )

11. Você reagiu de alguma maneira?

Sim ( ) Não ( ) Não aconteceu ( )

12. Você já presenciou as ações descritas à abaixo, qual ou quais?

Xingamentos ( ) Ameaças ( ) Apelidos( ) Fofocas ( ) Não houve ( )

13. Durante a aula já aconteceu algumas das ações a cima descritas?

Sim ( ) Não ( )

14. A professora reagiu?

Sim ( ) Não ( ) Não houve ( )

15. Como?

Reclamou ( ) Deu advertência ( ) Não fez nada ( ) Zombou junto ( ) Não houve ( )

16. Você conheceu alguém que sofreu ou sofre *bullying*?

Sim ( ) Não ( )

17. Como essa pessoa age quando isso acontece?

Não faz nada ( ) Vai embora ( ) Falta com frequência ( )

Chora ( ) Se isola ( ) Não sei ( )

18. É normal os alunos que sofrem *bullying* mudarem de escola?

Sim ( ) Não ( ) Não sei ( )

19. Você acha que essa pessoa pode sofrer transtornos no presente e no futuro?

Sim ( ) Não ( ) Não sei ( )

20. Você já sofreu *bullying*?

Sim ( ) Não ( ) Não reconheci ( )

21. O que você se sentiu?

Tristeza ( ) Desejo de não volta para escola ( ) De me vingar ( ) Medo ( )

Não me ofendi ( ) Levei na esportiva ( ) Nunca aconteceu ( )

22. Você acha que os adultos percebem todas as formas de *bullying*?

Sim ( ) Não ( ) Não sei ( )

23. Você acha que adultos ao perceberem sabem como agir?

Sim ( ) Não ( ) Não sei ( )

24. Por que motivos você acha que às pessoas sofrem *bullying* dos colegas?

São tímidas ( ) São mal vestidas ( ) São feias ( ) São gordos ( ) São deficientes ( )  
) São CDF ( ) São evangélicas ( ) São índios ( ) São homossexual ( ) São negros ( )  
) São pobres ( ) São novatos ( ) Outros ( )

25. Você já zombou de uma pessoa por algum dos motivos a cima?

Sim ( ) Não ( )

26. Por que?

Por diversão ( ) Por que não gostava dele (a) ( )

Por que me irritava sua presença ( ) Por que gostava vê-la tremendo ( )

Por que fizeram comigo( ) Porque ele(a) era\_\_\_\_\_.nunca fiz isso ( )

27.Quem você acha que sofre mais com o *bullying*?

Menino ( ) Menina ( )

28. O que você acha que deve ser feito para que essa prática seja erradicada ou pelo menos minimizada do meio da escola?

## QUESTIONÁRIO B

### APLICADO A PROFESSORES DE BIOLOGIA

1. O *Bullying* tem sido um tema muito divulgado pela mídia, principalmente pelos últimos acontecimentos onde jovens que sofriam *Bullying* cometeram homicídios. O que você entende sobre o conceito do tema? Fale um pouco?

---

---

---

---

---

2. Devido à complexidade dos casos de *Bullying* dentro da sala durante a aula, é compreensível que o professor não perceba todos os casos, principalmente por não saber o contexto em que ocorrem as supostas “brincadeiras” entre os envolvidos. Já aconteceu uma situação em que você teve dúvida quanto a que seria, e não conseguiu interferir? Explique.

---

---

---

---

3. Apelidos, zombarias, piadas preconceituosas, exclusão são das formas de *Bullying*, você já presenciou as formas citadas ou outra? Como você agiu diante da situação?

---

---

---

---

4. O *Bullying* é um problema sério, por suas consequências, quanto à mudança de comportamento dos alunos já aconteceu: faltas frequentes sem causa, notas baixas sem motivo aparente, isolamento constante, o aluno não querer interagir e nem participar de atividades grupais? O que você fez pelo aluno?

---

---

---

---

5. O que pode acontecer a uma pessoa que sofre repetidas humilhações em sua opinião?

---

---

---

---

6. O que você acha que você pode fazer para que haja intervenções mais eficazes diante da ocorrência de *bullying* na sala de aula e na escola?

---

---

---

7. Os aspectos biológicos como a hereditariedade tem muito haver com as características que são tantas vezes motivos de zombarias, sinônimo do preconceito cada vez maior em nossa sociedade? Como o professor de Biologia pode ajudar na conscientização sob esses aspectos?

---

---

---

---

8. Por que na adolescência é mais difícil superar os transtornos causados pelo o *Bullying*?

---

---

---

---

9. Que relevância pode ter, em um professor de área em saber reconhecer e entender a complexidade do *Bullying* nas relações sociais que acontece dentro e fora da sala de aula?

---

---

---

---

10. Somos basicamente felizes, quando aceitamos bem quem e como somos. Nosso autorretrato muitas vezes vem do retrato que outros fazem de nós, através das boas ou más relações sociais. Por que alguns não conseguem superar sozinhos, os traumas causados pelo *Bullying*?

---

---

---